

APRESENTAÇÃO

Exílio e Memória: Portugal e o Brasil na rota dos refugiados do nacional-socialismo

As crises humanitárias vividas pelos refugiados que se adensam às portas da União Europeia nas primeiras décadas do século XXI levaram ao incremento da presença das temáticas da migração e do exílio nos discursos mediáticos e políticos. Também os estudos culturais e artísticos, com especial destaque para os estudos literários, e a literatura lhes continuam a dedicar (renovada) atenção.

Simultaneamente os estudos do exílio, da memória e do Holocausto, longe de se tornarem um mero projeto aditivo que apenas juntasse novos estudos de caso, abrem-se a novos enfoques e adquirem perspetivas alargadas. Determinantes são cruzamentos com outras áreas de saber, como, p.ex., os estudos poscoloniais, inter e transdisciplinares ou os “transareal studies”. Conceitos como “moving ou travelling memories” (Erll 2011) ou “literatura sem morada fixa” (Ette 2005) e “TransArea” (Ette 2012) acentuam o carácter a muitos títulos dinâmico das novas abordagens, que tendem a cruzar problemáticas próprias de enfoques não apenas interdisciplinares como transnacionais e transculturais.

No que diz respeito ao percurso do exílio a nível espacial tende-se a enfatizar não só os lugares (vivências) anteriores à partida e aqueles que marcaram a chegada, mas o caminho, com as suas paragens mais ou menos longas e os (difíceis) cruzares de fronteira (Dogramaci/Otto 2017). Também os olhares sobre os exílios do séc. XX, nomeadamente a fuga ao nacional-socialismo, ganham novos enfoques e Portugal e o Brasil, que na maior parte dos casos foram respetivamente país de passagem e local de acolhimento, ganham novo protagonismo.

De facto, enquanto nos primeiros anos depois da tomada do poder por Hitler, os emigrantes, principalmente judeus mas também opositores ao regime, se radicavam quase sempre nos países limítrofes da Alemanha, com o acentuar das políticas repressivas e com o início da deriva expansionista do nacional-socialismo, bem como com o subsequente início da guerra, acentua-se a demanda pelos EUA, mas também o êxodo para a Palestina e para a América do Sul. Os portos portugueses transformam-se, assim, depois da ocupação da França em junho de 1940, nas (quase) únicas portas de saída da Europa e /ou local de embarque para o Novo Mundo. A Portugal chegavam principalmente por via terrestre mas também aérea e marítima refugiados vindos de França por Espanha e também alguns do norte de África – lembre-se o filme Casablanca – e de outros países europeus, na esperança de conseguirem lugar num navio ou no Clipper.

Portugal torna-se um verdadeiro país de passagem (ou país-passerelle) ou então, para alguns (muito poucos), um país de acolhimento, pesem embora condicionalismos específicos decorrentes da política de limitação de entrada de refugiados, de que alguns dos textos que publicamos darão pormenores. Por sua vez, o Brasil será porto de chegada não só para perseguidos pelo nacional-socialismo, mas também para criminosos nazis fugidos da Alemanha no final da Guerra, nas tristemente célebres “rotas de ratos”. Para outros refugiados será local de espera até à continuação da viagem de exílio, a maior parte das vezes até aos EUA.

Sabe-se que entre os refugiados se encontrava um grande número de intelectuais e de artistas, e que a representação dessas experiências exílicas bem como experiências de contaminação e manifestações verdadeiramente transnacionais atravessam as suas obras posteriores. É, pois, natural que o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, que há muito vem dedicando especial interesse ao estudo das “deslocações criativas”, com especial destaque para as migrações e o exílio, acolhesse nos seus Cadernos trabalhos apresentados no colóquio “Sous des cieux étrange(r)s. Mémoires de la Seconde Guerre Mondiale, exil et devenir au Portugal et au Brésil/Sob céus estranhos. Memórias da Segunda Guerra Mundial, exílio e devir em Portugal e no Brasil” que, com organização da sua colaboradora Karina Marques e de Sandra Teixeira, ambas docentes na Universidade de Poitiers, teve lugar naquela universidade em 26 de novembro de 2020. A esses trabalhos juntaram-se outros da responsabilidade de investigadores e colaboradores do ILC, todos germanistas, procurando-se, também aqui, um novo cruzamento de perspetivas.

Tanto entre os artigos que se debruçam sobre a realidade brasileira como entre os que se concentram nas experiências portuguesas – surgem dentro de cada grupo ordenados cronologicamente de acordo com a data de publicação das obras que tratam – sobressaem pelo seu número aqueles que privilegiam a análise de textos (principalmente literários mas também fílmicos) contemporâneos (séc. XXI) que revisitam as memórias do passado, com o qual alguns dos autores têm um pacto posmemorial (Hirsch). Comum a estes trabalhos é o facto de permitirem articular memórias exógenas com memórias nacionais que se pretendem denunciar em articulação com o passado nazi. De destacar também a atenção dada à dimensão estética dos textos, nomeadamente enquanto forma de contornar o silêncio e o trauma, bem como a recuperação de testemunhos informais e “memórias subterrâneas” (Pollack 1993).

Outros artigos debruçam-se mais concretamente sobre as coordenadas germano-portuguesas, quer versando uma temática mais cultural e o discurso medial, quer tratando escritos autobiográficos /autoficcionais dos próprios refugiados praticamente desconhecidos entre nós. No mesmo sentido vai a publicação da tradução das primeiras páginas das memórias da pintora e gravurista Gretchen Wohlwill, retiradas ao capítulo introdutório, dedicado ao seu exílio em Portugal. O volume completa-se com o testemunho de uma investigadora da Universidade de S. Paulo sobre as suas investigações em torno de imigrantes brasileiros fugidos à perseguição nazi.

Também o artigo que compõe a Varia desenvolve, embora num outro contexto, uma temática cara aos estudos do exílio: a questão do silêncio e do emudecimento, enquanto as

recensões tratam a obra *Diários em mar aberto*, do poeta e Professor de literatura brasileira na Universidade da Sorbonne, Leonardo Tonus, e a obra *Feliciano*, do escritor A.M. Pires Cabral.

Gonçalo Vilas-Boas
Karina Marques
Maria Antónia Gaspar Teixeira
Sandra Teixeira
Teresa Martins de Oliveira